



GT 011. Antropologia da Moral e da Ética

Carlos Eduardo Valente Dullo (UFRGS) -
 Coordenador/a, Roberta Bivar Carneiro Campos
 (Universidade Federal de Pernambuco) -
 Coordenador/a

A Antropologia se desenvolveu debatendo as regras e normas sociais, os processos de julgamento e atribuição de responsabilidade, as formas de sanção e punição, as prescrições e proibições, bem como os efeitos sociais das transgressões. A problemática da moralidade não é, portanto, estranha para a nossa disciplina. Entretanto, não se constituiu, até recentemente, um campo de pesquisa como o da Moral e da Ética. Tendo início com o debate sobre a tensão entre o universalismo moral e o relativismo das moralidades locais, passando pela redefinição dos conceitos de moral e ética sob a ética específica da Antropologia, esta agenda teórico-metodológica volta-se principalmente para uma preocupação com novos recortes empíricos como as figuras exemplares, as conceituações de liberdade e responsabilidade, as práticas de cuidado (care), os processos de recuperação após momentos críticos, as respostas sociais a tragédias, entre tantos outros recortes que observem seja o evento ordinário seja o extraordinário momento de quebra ou (re)instituição da moral - bem como as maneiras pelas quais os processos de mudança e de conservação se atualizam. Seguindo, portanto, a proposta de Laidlaw, Fassin, Robbins, Keane e Das (entre outros) uma antropologia que se volte para estes fenômenos compor, necessariamente, uma chave analítica transversal às mais diversas temáticas: religião, política, economia, família e parentesco, saúde e bem-estar, natureza e animais, direito, gênero e sexualidade etc.

"Mexer" com conflitos de terra no sul do Pará: ética do work de base entre agentes de pastoral

Autoria: Igor Rolemberg Gois Machado

Na região do sul e sudeste do Pará, agentes da Comissão Pastoral da Terra realizam um work de base junto a comunidades rurais em áreas de disputa por terra desde 1975. Esse tipo de ação pastoral, pensada como "pastoral de fronteira", ou "pastoral de conflito", deu-se inicialmente junto a comunidades de posseiros. Hoje são grupos de sem-terra, organizados em ocupações e acampamentos, que são "acompanhados" pelo serviço dos agentes de pastoral. O que se chama work de base desdobra-se em ações de assessoria de três tipos, apreendidos pela forma como os agentes definem a agenda e repartem tarefas: (i) serviço pedagógico e "animação" para fomentar a criação ou reforçar a existência de associações e movimentos; (ii) assistência técnica agrícola, que nos últimos anos passa por estimular o reconhecimento e desenvolvimentos de práticas agroecológicas; (iii) assistência jurídica. Essas ações se desenvolvem num conjunto de diversas situações (atendimentos no escritório, visitas às áreas, encontros de formação, manifestações, atos-memória) que constituem os lugares onde realizo minha pesquisa etnográfica. Nessas situações ordinárias, onde se "mexe" com os conflitos, é possível apreender uma ética do work de base, pautada por alguns valores e idéias morais, notadamente três, que busco descrever: (i) "animar" o inconformismo diante de uma situação de violência (rebeldia); (ii) denunciar, produzindo dados e informações acerca dessa situação (memória); (iii) refletir sobre novas configurações de viver a partir da terra (esperança). Fazem parte da "mística" e integram o work rotineiro de identificação de problemas ligados às disputas de terra, atribuição de responsabilidades, proposição de soluções, enfim, de elaboração da causa, de que trata muitos estudos de antropologia da mobilização social. Dentro de uma perspectiva pragmática, interessa-me a tecnologia empregada pelos atores em cena para comunicar esses valores nas situações ordinárias acima citadas, quando interagem com membros das comunidades rurais ou com as agências de Estado que atuam sobre o conflito. O material para o artigo advém da pesquisa de campo que realizo junto a esses agentes desde 2014.





Realização:



Apoio:



Organização:

